



ECOA noite e dia...a Caravana Quilombola da Zona da Mata Mineira. *ECOA night and day... the Quilombola Caravan of Zona da Mata Mineira*

TRIVELATO. Ananda Deva Assis ¹; VICENTE. Gustavo Augusto ¹; FEITAL, Cecília Maria ³; FERNANDES. Raphael Bragança Alves ⁴; MARACCI. Marilda Teles Maracci ⁵; CARDOSO, Irene Maria ⁶.

1 Bolsista Técnica no Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia / ECOA-UFV, artistadocenteagroecologica@gmail.com; 2 Graduando em Dança - UFV, gustavo.augusto95@outlook.com; 3 CTA- Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, cecilia@ctazm.org.br; 4 Departamento de Solos- UFV, raphael@ufv.br; 5 Departamento de Geografia- UFV, marilda.maracci@ufv.br; 6 Departamento de Solos – UFV, irene@ufv.br.

Eixo Temático: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: O Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia (ECOA) da Universidade Federal de Viçosa foi institucionalizado em 2016 e atua na Zona da Mata mineira em articulações com parceiros que constroem a agroecologia e a educação do campo. Um desses parceiros é a Rede Sapoqui – Rede de Saberes Quilombolas, que constrói junto com a equipe do Laboratório LasTerras (DGE/UFV) o projeto Caravana Quilombola. A Caravana Quilombola traz como inovação o olhar para o território na perspectiva das denúncias e anúncios dos quilombos relacionados com a soberania e a segurança alimentar. A Caravana está sendo construída por partes, a primeira foi realizada em setembro de 2018 e a segunda em junho de 2019. O ECOA-UFV realizou junto com os parceiros as duas etapas, aqui relatadas. Realizar a Caravana aproxima os saberes quilombolas e os fortalece na medida em que reconhece o poder das sementes, da diversidade e da resistência.

Palavras - chave: Quilombo; Semente; Alimento.

Keywords: Quilombo; Seed; Food.

Contexto

“Ecoa noite e dia
Ensurdecador, ah mais que agonia
O canto do trabalhador
Este canto que devia, ser um canto de alegria
E soa apenas como um soluçar de dor”

O canto das três raças nos traz a poética de diálogo deste relato de experiência que objetiva trazer o Ecoar das ações do Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia (ECOA-UFV) na realização da Caravana Quilombola. Esta ação é vivenciada pelos integrantes do Núcleo, que reúne movimentos sociais e organizações de agricultores (sindicatos, associações, cooperativas), grupos estudantis de agroecologia que compõem o Mutirão Ciranda (composto por grupos de agroecologia), Programa TEIA de Extensão, professores e técnicos da UFV e os parceiros Rede Raízes da Mata, Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), curso de Licenciatura e Educação do Campo (LICENA-UFV), Movimentos Sociais e Sindicais, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP-UFV), Rede Nós de Água, Organização Cooperativa de Agroecologia (OCA), Rede de Saberes dos



Povos Quilombolas (Rede Sapoqui), dentre outros. Alguns desses sujeitos que fortalecem e estruturam o ECOA-UFV tiveram a oportunidade de vivenciar e dialogar com as ações das duas etapas da Caravana Quilombola e trazem neste texto, o olhar sobre esta vivência.

As Caravanas são compreendidas como estratégias pedagógicas que permitem o intercâmbio de experiências e saberes e um olhar coletivo sobre o território. A Caravana Quilombola da Zona da Mata Mineira se inspira nas experiências das Caravanas Agroecológicas e busca vivenciar, investigar e analisar as especificidades das realidades das comunidades negras rurais, algumas delas reconhecidas como Comunidades Quilombolas. A Metodologia da Caravana foi construída a partir do eixo de diálogo sobre a soberania e a segurança alimentar, temas que permearam os debates - o chamado “dedo de prosa” sobre a alimentação nas comunidades. Além da integração com as ações dos parceiros da Rede Sapoqui, as duas etapas da Caravana foram realizadas com culminância em duas festas populares, a festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada em Outubro de 2018, pela Comunidade Quilombola de Córrego do Meio, Distrito de Airões, município de Paula Cândido (MG) e a Fogueira de São Pedro, realizada em junho de 2019, no assentamento Padre Jesus, em Espera Feliz (MG). As festas populares tecem as conexões das rotas e sujeitos caravaneiros. Com as visitas da “Abre Caminho” (preparatórias), os cafés com dedo de prosa e fortalecimentos das ações quilombolas dos territórios que as rotas se configuram.

As rotas partem para a itinerância e retornam na culminância com os anúncios e denúncias vividas e socializadas nas rodas de conversa. Nos dedos de prosa adota-se em alguns momentos a metodologia dos Círculos de Cultura, que busca promover o processo de ensino e aprendizagem, realizando debates sobre questões provocativas do tema. No escutar das denúncias é possível identificar soluços de dor, que trazem agonia para a realidade diversa do povo quilombola. As mesmas denúncias são destaque nas festas das comunidades, em suas anunciadas referências culturais, no canto de alegria da forte resiliência e resistência dos seus saberes. Festa é luta e por isso a Caravana traz como proposta rotas que potencializaram a Festa do Rosário e a Festa da Fogueira de São Pedro.

Descrição da Experiência

A primeira fase da Caravana foi construída no ano de 2018, a partir da integração dos parceiros em eventos que antecederam a Caravana e que firmaram este compromisso, a partir das visitas “abre caminho” e da identificação das redes e rotas quilombolas que se interconectavam no território. Na sua primeira itinerância, a Caravana Quilombola propôs três rotas rumo à Festa do Rosário da comunidade quilombola de Airões: Rota da Pipoca, Rota Tutu de Fubá e Rota Feijoada. Aqui será descrita a experiência de participação na Rota da Pipoca nos dias 26 e 28 de setembro e, na Rota da Feijoada, no dia 27 de setembro de 2018.

Todas as rotas tiveram o seu ponto de partida na manhã do dia 26 de setembro, na sede da Aspuv, em Viçosa, com a benção de Sr. Antonio, quilombola de São



Pedro de Cima, do alto dos seus 101 anos de sabedoria. A Rota da Pipoca seguiu rumo ao distrito de Cachoeirinha, chegando na casa da representante da Cultura Afro, a senhora Maria do Carmo, também conhecida como Mãe Du. No seu quintal Mãe Du cultiva diversidade em sabores, alimento e cura. O cantar de alegria é sustentado pela força de seus orixás. O lamento de dor ainda ecoa nos preconceitos vivenciados no cotidiano de uma comunidade que ainda está no seu processo de amadurecimento como remanescente de quilombo. A rota seguiu para a Comunidade do Buieieí, uma área já reconhecida pela Fundação Palmares como remanescente de quilombo. As denúncias da comunidade apontam para a opressão que ainda reverbera dos moradores do entorno da terra, herdeiros dos donos escravocratas. A alegria da diversidade se revela na produção do alimento no quintal, artesanatos, cuidados com o cabelo e corpo, bailes da tradição e cavalgadas. A próxima casa visitada foi do Seu João, quilombola e congadeiro da comunidade. O encerramento deste dia deu-se com uma roda de capoeira no espaço cultural da comunidade.

No dia 27 de setembro a Rota da Pipoca e a Rota Feijoada iniciaram juntas suas atividades na comunidade do Buieieí, com visitas à casa de Maria Adonália e Jorge. No local escutaram-se histórias sobre o passado da comunidade, quando o sustento de muitos se dava pela venda de bananas, frutos e verduras na cidade. Estas conversas inspiraram um dos resultados significativos desta Caravana que foi a realização da feira livre do Buieieí, com duas edições já em 2019. No almoço seguiu-se com a Rota da Feijoada para a Rua Nova, área remanescente de quilombo, que similar a comunidade do Buieieí, ainda convive com a opressão da casa grande que permeia o local. No soluçar de dor ouvimos as denúncias de especulação imobiliária, exploração do lazer, preconceitos. Na alegria do canto tivemos artistas da música, da dança, da cozinha, e pequenos quintais com diversidade de alimento. O penúltimo dia da caravana finalizou com a sabedoria dos anciões na conversa com Dona Eva, guardiã da memória da comunidade.

No dia 28 novamente seguiram juntas as rotas da Feijoada e da Pipoca. A comunidade visitada foi a de Chácara, onde a missão dada foi a colheita de sapé para o telhado da casa de pau a pique construída para ser o ponto de memória do quilombo. Nas visitas pelos quintais, destacam-se flores, alimentos, e água que brota e sustenta a vida. Neste último dia de caravana as rotas se encontraram a partir das 14 horas na Sede do Sindicato dos Professores da UFV (ASPUV), em Viçosa, quando cada Rota socializou em um círculo de cultura os elementos trazidos das itinerâncias. Com estes elementos construiu-se uma Instalação artístico pedagógica. Posteriormente, as rotas transitaram no carrossel de instalações intercambiando as experiências vividas. Este último dia das rotas finalizou com muitos cantos, danças, resistências em festas que trouxeram conexão nesta ação.

A culminância na festa do Rosário acontece no dia 12 de outubro na Comunidade Quilombola de Airões, onde o congado e a festa do Rosário são referenciais culturais. Uma estrutura de bambu foi montada para trazer na festa a memória e as colheitas da caravana quilombola. A montagem da instalação artístico pedagógica contemplou os anúncios e denúncias trazidos pelas rotas.



A II etapa da Caravana quilombola teve início no dia 26 de junho. Duas rotas foram organizadas. Uma seguiu em direção ao município de Simonésia (MG), denominada Rota Broa de Melado e outra para o município de Divino, rota Feijoadá. Aqui será relatada a experiência vivenciada na Rota Broa de melado, assim denominada, *em referência* a “broa de melado”, típica da comunidade e é feita de fubá de moimbo d’água e melado. Vivenciamos o território quilombola da comunidade de Belisário e a Escola Família Agrícola Margarida Alves (EFAMA), na comunidade de Sossego. A chegada foi no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da Agricultura familiar (SINTRAF) com a partilha do almoço e logo em seguida uma pequena atividade de apresentação dos participantes. Ao meio da apresentação fomos informados que o sindicato está realizando um trabalho de reapropriação da cultura da região acolhendo as aulas de capoeira. Para darmos procedimento à nossa rota, seguimos para a EFAMA. A juventude provocou questões sobre os diversos olhares e pontos de vista, expuseram o trabalho com a capoeira e com a cultura que se cultiva na lida com a terra. A criação animal, lavoura com diversidade de árvores frutíferas, hortas, cuidados com os resíduos, minhocário, todas ações que se aprende no cotidiano da educação do campo foram alguns dos temas tratados. Para fechar os diálogos do dia foi realizado um círculo de cultura com a provocação: o que é uma Caravana Quilombola? A Juventude nos relata a consciência de que a Caravana é uma ação contra o racismo e, de enfrentamento dentro da luta de classes; é o estímulo para o despertar do saber de si como negro, é sentimento de luta e resiliência cultural. Na voz da juventude do EFAMA, a Caravana é resistência do bem comum para o coletivo que ouve os jovens e planta sementes no futuro. Fortalece a negritude no processo de se aquilombar, ficar aquilombado, ter abrigo contra a opressão. Nesta perspectiva os jovens do EFAMA reconhecem a Escola como um Quilombo, lugar de resistência e luta contra a opressão.

Hora de seguirmos nosso caminho e chegarmos a nosso destino final, onde iríamos passar a noite na comunidade de Belisário, na casa de Lucimar, agricultora quilombola, liderança da CUT (Central única dos Trabalhadores), da Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (FETRAF), do SINTRAF Simonésia e da Marcha das Mulheres.

No dia 27 de junho amanhecemos na comunidade de Belisário, onde encontramos mulheres fortes, que lutam pela conscientização da comunidade no alerta ao uso dos agrotóxicos. Desta luta resulta que atualmente poucos são os que utilizam estes produtos, e isto indicado pelo retorno dos peixes no rio. Do rio também tiraram o lixo, pois todo ele é recolhido em um local na comunidade e retirado uma vez por mês pela prefeitura. A clareza de que é importante a coleta seletiva e a adubação orgânica foi destaque na fala de Lucimar “a roça não produz lixo, o lixo que tem é o que vem da cidade”. Do rio também tiraram o esgoto sanitário, em um grande trabalho de saneamento rural. A valorização da diversidade no quintal e o resgate das sementes crioulas também fazem parte das ações na comunidade. A força na ação política como o mutirão de registro das mulheres no Programa Bolsa Família também foi lembrado. A luta para se garantir o apoio de emendas parlamentares que garantiu investimento no calçamento dos morros da comunidade, garantindo acesso a qualquer tempo também foi destacado. A dança de Caboclo, referência cultural da comunidade, foi notada e, nas paredes da casa encontrava-se o musical arco e



flecha da manifestação. À noite, em uma grande festa houve a apresentação da Dança dos Caboclos, por um grupo folclórico da comunidade na passagem da caravana. No soluço de dor vimos a grande ameaça das mineradoras, que percebem no local grande tesouro mineral. O trabalho de conscientização ganha novos anúncios.

No dia 28 vivenciamos a diversidade de referências culturais que se fortalecem na Festa da Fogueira de São Pedro. A espiritualidade levanta o mastro e anuncia a chegada do sagrado na terra. É dia de pedir com a procissão e pagar promessas com a passagem na fogueira, com fé que não queima o pé. O alimento é partilhado pela comunidade com fartura.

Dia 29 a culminância segue a mesma estratégia metodológica da primeira caravana. Para intercambiar experiências, utilizamos os círculos de cultura, as instalações artístico pedagógicas e o carrossel. Por rota, cada participante socializou os elementos que havia coletado no caminho (em círculo de cultura), dizendo o porquê daquele “elemento”. No final, duas instalações artístico pedagógicas foram construídas, uma por rota. Uma rota visitou a instalação construída pela outra, quando então as experiências vivenciadas em cada rota foram partilhadas. No compartilhamento, houve trocas de sementes, poesias, cantos em Yourubá e muito Axé!

Resultados

Com a Caravana percebemos que os quilombos guardam a semente crioula e a sabedoria de ter o alimento produzido com segurança em seus quintais. A falta de segurança e soberania alimentar existem quando não há terra e quando há monocultura e o uso de agrotóxicos.

Caravana é denúncia da escravidão que ainda se vive. Caravana é reapropriação social de conhecimento que fortalece a luta por conquista de respeito, direito, igualdade. É o elo de união das mãos, é estar próximo do outro para defender os direitos da cultura afro-descendente. É canto de alegria entre o soluço de dor!

“Tava dormindo Caravana me chamou, tava dormindo Caravana me chamou, diz se levanta povo cativo já acabou.” (canto do Mestre Boi na EFAMA – rota Broa de Melado II Caravana Quilombola)

Agradecimentos

Os autores agradecem ao ECOA – Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da UFV; à Chamada MCTI/MAPA/SEAD/MEC/CNPq nº 21/2016, e ao Projeto Soberania e Segurança Alimentar nos Territórios das comunidades negras e quilombolas na Zona da Mata Mineira à Chamada CNPq/MCTIC nº. 016/2016 . A todos os caravaneiros e quilombolas da Caravana.